



ACÇÃO TOTALITÁRIA NA PERSPECTIVA DE HANNAH ARENDT

Total Action in the Perspective of Hannah Arendt

Antonia de Sousa Vieira Soares¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o fenômeno do Totalitarismo no pensamento da filósofa alemã Hannah Arendt tendo como fio condutor a obra *Origem do Totalitarismo* (1998). Verificaremos como a filósofa compreende o movimento totalitário e atuação do mesmo para capturar os seres humanos e destituí-los de todos os direitos usando para este fim os mais baixos artificios, tais como os campos de concentração e o sistema propagandista ficcional. Focalizaremos especificamente no terceiro capítulo da obra supracitada, no qual a pensadora apresenta os horrores das ditaduras e do Totalitarismo, revelando a face tenebrosa e cruel do homem.

Palavras-chave: Ação. Política. Totalitarismo. Hannah Arendt.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the phenomenon of Totalitarianism in the thought of the German philosopher Hannah Arendt with the work *Origin of Totalitarianism* (1998) as its guiding thread. We will see how the philosopher understands the totalitarian movement and its action to capture human beings and deprive them of all rights using the lowest devices for this purpose, such as concentration camps and the fictional propagandist system. We will focus specifically on the third chapter of the aforementioned work, in which the thinker presents the horrors of dictatorships and Totalitarianism, revealing the dark and cruel face of man.

Keywords: Action. Politics. Totalitarianism. Hannah Arendt.

INTRODUÇÃO

Hannah Arendt, em sua obra *Origem do Totalitarismo* (1998), analisa as características dos governos totalitários e os define como ideologia do terror. Dessa forma, a autora compreende que o totalitarismo foge a qualquer ideologia política já pensada. Correia (2016, p.16) diz que Arendt define esse tipo de regime como algo inédito porque rompe as estruturas sociais e vai além do esperado, mostrando a face cruel e tenebrosa do homem.

¹ Graduada em Filosofia e mestranda pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).
CADERNOS PET, V, 12, N. 23

Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo compreender o movimento dos regimes totalitários no pensamento arendtiano e também entender se é possível identificar pressupostos que possam desencadear o surgimento de governos totalitários. Para Arendt (1998, p.510), o homem que possui a vontade de manter o poder e de exercer seu perverso desejo de dominar não hesita em usar dos mais baixos artifícios para realizar seus ideais. Nesse contexto, o individualismo leva ao abandono do espaço público e, conseqüentemente, a apatia política produz um terreno fértil para a disseminação de ideologias ditatoriais.

Neste cenário de total falta de interesse por um objetivo comum, cessam as lutas e as manifestações. Aproveitando-se desse cenário, surgem aqueles que para a realização dos seus planos perversos não medem esforços e seduzem justamente os indivíduos que não possuem uma consciência de pertencimento ao mundo. Assim sendo, temos a caracterização de uma “sociedade de massas” constituída de seres capturados pelo sistema ideológico e, sendo alienados, são impossibilitados de qualquer forma de pensar.

Nesse contexto, refletiremos o que leva o homem a apropriar-se dos mais baixos artifícios sobre os seus semelhantes com a finalidade de humilhar, manipular e tirar-lhes todas as possibilidades de ação. Os campos de concentração eram usados como dispositivos modeladores e que atuavam como artifícios de controle subjetivo cuja finalidade era manter os sujeitos totalmente aprisionados e paulatinamente retirar todos os direitos adquiridos. Nesse sistema, como descreve Arendt, tudo é possível.

Para a fundamentação desse trabalho, lançamos mão da obra *As Origens do Totalitarismo* (1998) e daremos um enfoque maior ao terceiro capítulo, no qual a filósofa expõe as características dos regimes totalitários de Stálin e de Hitler. Iremos nos basear também em teses e artigos sobre a temática que venham a corroborar com a reflexão proposta a fim de expandir a compreensão sobre o pensamento de Arendt. O desenvolvimento do trabalho está organizado da seguinte maneira: no primeiro momento, abordaremos de forma sucinta a compreensão de Hannah Arendt sobre uma sociedade de massa e em seguida veremos como o terror e a ideologia foram usados para eliminar as possibilidades de ações políticas do homem.

A COMPREENSÃO DE HANNAH ARENDT SOBRE UMA SOCIEDADE DE “MASSA”

Arendt (1998, p.335) apresenta em sua obra *As Origens do Totalitarismo* (1998) as características dos movimentos totalitários, a facilidade com que seus líderes são substituídos e como a impermanência no governo dá aos seus agentes a capacidade de realizar os seus objetivos. Nesse sistema, aqueles que não comungam com a doutrina oficial do Estado são considerados inimigos e logo exterminados. Conseqüentemente, a volatilidade da liderança

favorece o movimento do sistema e assim se propagam as ideias que sustentarão e justificarão a proposta ideológica. É salientado que o fascínio que os líderes provocam nas massas é o que garante a manutenção do poder, diz Arendt:

Os regimes totalitários enquanto no poder e os líderes totalitários enquanto vivos sempre comandam e baseiam-se no apoio das massas. A ascensão de Hitler ao poder foi legal dentro do sistema majoritário e ele não poderia ter mantido a liderança de tão grande população, sobrevivendo a tantas crises internas e externas e enfrentando tantos perigos de lutas intrapartidárias se não tivesse contado com a confiança das massas. (ARENDR, 1998, p.356).

Os movimentos totalitários baseiam-se no apoio das massas que são ludibriadas pela propaganda enganosa e por promessas de um reconhecimento as quais foram negados pelas classes. Aguiar (2012, p.146) nos esclarece que a “base do poder não é constituída por sujeitos de direitos e deveres, capazes de contratar, representar, julgar, deliberar, mas sim pela população massificada, a qual para Arendt é a pedra de toque da política”, justamente porque, de acordo com Correia, “os líderes desses regimes provinham da plebe e que sua base de sustentação eram as massas, mobilizadas e coordenadas pelos seus líderes através da propaganda e do terror” (CORREIA,2006, p.16).

Desse modo, os líderes totalitários aproveitam-se do fascínio populacional e sorrateiramente tramam seus planos perversos. Arendt (1998, p.357), defende que sem a adesão do povo, a propaganda “enganosa e mentirosa” não conseguiria se sustentar. Em corroboração, Aguiar (2012, pag. 147) nos diz que a insatisfação populacional e as condições sociais precárias contribuirão para:

O colapso do sistema de classes, estruturador dos Estados Nacionais europeus após a Primeira Guerra, está na base da percepção de Arendt a respeito da enorme importância que as massas passaram a desempenhar nos movimentos totalitários que as reivindicavam como inspiradoras. A inflação, o desemprego, os refugiados e apátridas – contingentes enormes de pessoas sem raiz e lugar na Europa – corroeram o tecido social e fizeram surgir as massas como uma das categorias sustentadoras dos movimentos totalitários essa situação de massificação social vai gerar o que Arendt chamou psicologia do homem de massa, facilitando enormemente o seu aparelhamento pelos movimentos totalitários. Seu conteúdo é preenchido pelo racismo e antissemitismo, pela busca do sucesso e da fama, na atribuição de grande valor ao gênio e a tudo que é abstratamente considerado superior e grandioso. Esse é o esteio para o “culto da personalidade, tão comum a todos os regimes totalitários. Os grandes líderes das massas edificavam esses valores e nutriam ódio às instituições burguesas por não lhes darem lugar nem os reconhecerem socialmente. Eles compartilham a mesma psicologia do homem de massa que, sem nenhum interesse e pertença ao mundo comum, vive isolado e solitário e é portador de uma consciência de importância e dispensabilidade. (AGUIAR,2012, p.147).

A necessidade de ser reconhecido e a falta de uma consciência de pertencimento a um

grupo torna o homem vulnerável a qualquer tipo de ideologia. Desse modo, Passos (2017, p.67-68) nos esclarece que o “desenraizamento da pluralidade leva ao aniquilamento da relação do homem consigo mesmo”, o que torna difícil o exercício do pensar em uma vida de ideais comuns e assim permanece o “eu” desancorado que vive apenas para satisfazer o seu ego. Desse modo, as massas não se filiam a nenhum partido político ou a sindicatos, mantendo-se na “neutralidade” e constituindo a grande massa que dá aos governantes totalitários os subsídios para realizar a mais terrível barbárie. Portanto, é dentro dessa população totalmente manipulável que os déspotas buscam seus membros, já que sabem que essa população é obediente aos seus comandos. Arendt (1998, p.355), em nota de rodapé, esclarece o fascínio que as populações manifestavam pelos líderes, a filósofa diz:

O “feitiço” com qual Hitler dominava os seus ouvintes foi reconhecido muitas vezes, [...] o fascínio o estranho magnetismo que Hitler irradiava com tanta força era devido “a crença fanática que ele tinha em si mesmo em sua competência sobre qualquer assunto e no fato de qualquer parecer que emitisse [...] sempre podia ser incluído numa ideologia que pretendia abranger todas as coisas do mundo”. O fascínio é um fenômeno social [...] A sociedade tende de aceitar uma pessoa pelo que ela pretende ser, de sorte um louco que finja ser um gênio sempre tem certa possibilidade de merecer crédito, pelo menos no início. Na sociedade moderna, com sua falta de discernimento essa tendência é ainda maior, de modo que uma pessoa que não apenas tem certas opiniões, mas as apresenta num tom de inabaláveis convicções, não perde facilmente os prestígios, não importa quantas vezes tenha sido demonstrado o seu erro. Hitler descobriu que o inútil jogo entre as várias opiniões e a “convicção de que tudo é conversa fiada e podia ser evitado se aderisse a uma das mais muitas opiniões correntes com a inflexível consistência.” A arbitrariedade de tal atitude exerce um forte fascínio sobre a sociedade porque lhe permite salva-se da confusão de opinião que ela mesma constantemente produz. Esse “dom” do fascínio, no entanto, tem importância apenas social. (ARENDR, 1998, p.355).

O que causa estranheza, de acordo com Arendt (1998, p. 357), é o “altruísmo” com o qual os adeptos do movimento exaltam seus feitos e como a noção de pertencimento ao partido dá um novo sentido à vida de seus membros. O fanatismo é tão forte que não há argumento que consiga convencê-los de que suas ideias não são verdadeiras. Arendt (1998, p 358), esclarece ainda que o tipo organizacional totalitário é diferente de qualquer outro sistema político, pois o objetivo dos tiranos no regime totalitário é “organizar as massas e não as classes”. Uma das causas que leva à facilidade organizacional das classes em massas é o surgimento da sociedade competitiva de consumo criada pela burguesia já que ela criou a apatia pela vida pública, o que causa uma ruptura entre as classes. Conforme Correia,

O pessimismo de Arendt em As origens do totalitarismo, retomado em parte por à Condição humana mais tarde, estava fundado na constatação de que o privatismo típico do homem moderno, a sua ocupação exclusivamente com seus próprios assuntos privados – com infeliz repercussão ainda em nossos

tempos –, apenas reforça o temor de que não haja resistência aos vários ataques que são desferidos contra o domínio público, seja por movimentos totalitários seja por interesses privados ou corporativos. Tal privatismo promove fundamentalmente uma apolítica que se associa à incapacidade de conceber qualquer sentido de público que não equivalha à soma total dos interesses privados. Mais do que isto, o indivíduo privatista é o mesmo que pensa ser justificada a existência do espaço público apenas na medida em que satisfazem os interesses os indivíduos privados; o mesmo que tolera, admite e recomenda pequenas ou grandes corrupções privadas e cinicamente espera que os seus representantes se constituam em modelos e probidade; o mesmo, não obstante, que sempre confunde princípios políticos com metas econômicas e está disposto a abrir mão de todo verniz de moralidade e pudor quando um representante corrupto se mostra um bom administrador; o mesmo que exige probidade pública desrespeita as regras mínimas da convivência em nome da satisfação dos seus interesses (CORREIA, 2006,p.10).

Conforme Arendt (1998, p.363), embora a “indiferença em relação ao negócio público e a neutralidade nas questões políticas não são por si só, causas suficientes para o surgimento de movimento totalitário” Correia (2006, p.22) corrobora dizendo que Arendt compreende que as massas são o resultado das transformações históricas desencadeadas pelo advento da esfera social. Desse modo, os seres humanos não conseguem mais manter-se na esfera pública e não conseguem ver o outro como parte da existência, conseqüentemente voltando-se uns contra os outros. “As massas encontram-se fora de qualquer ramificação e representação política”. São seres que vivem à parte da sociedade e perderam a capacidade de ação.

O USO DO TERROR E DA IDEOLOGIA USADO COMO FORMA DE AJUSTAR AS CAPACIDADES HUMANAS

De acordo com Correia (2016, p.16), Arendt considera o “fenômeno do totalitarismo como uma novidade, porque foge a todos os tipos de ideologia política. Ele atua na captura do indivíduo por completo”. Esse fenômeno político, então, deixa os indivíduos alienados e capazes de abrir mão de suas liberdades para apoiar as convicções do opressor. Conforme Arendt,

O totalitarismo difere essencialmente de outras formas de opressão política que conhecemos, como despotismo, a tirania e a ditadura. Sempre que galgou o poder, o totalitarismo criou instituições políticas inteiramente novas e destruiu todas as tradições sociais, legais e políticas do país. (ARENDR,1966, p.512).

Arendt acentua a diferença entre ditadura e totalitarismo: no totalitarismo, as pessoas são capturadas por completo e não há liberdade, o terror é instaurado de tal maneira que já não é possível distinguir “entre espaço público e espaço privado”. A doutrina oficial é assimilada de tal maneira que nada além dela mesma importa. Conforme Bordini (2014, p.149) citado

por Oliveira (2016, p.137), “diferentemente das tiranias, o totalitarismo elimina até o espaço da vida privada, de modo que a lógica totalitária destrói não só a capacidade de agir, mas também a de sentir e pensar”. O sujeito é “despido” de todos os seus direitos e já não tem poder nem sobre a própria vida, resumindo-se a um objeto sem valor que pode ser descartado no momento que o opressor achar conveniente. De acordo com Arendt,

O primeiro passo essencial no caminho do domínio total é matar a pessoa jurídica do homem. Depois da morte da pessoa jurídica a destruição da individualidade é quase sempre bem-sucedida. [...] porque destruir a espontaneidade, a capacidade do homem de iniciar algo novo com seus próprios recursos, algo que não possa ser explicado a base de reação ao ambiente e aos fatos. Morta a individualidade, nada resta senão horríveis marionetes com rostos de homens. (ARENDR,1998, p.50).

A vida, nesse contexto, foi totalmente capturada. O sistema nazista incidia por completo na vida e os campos de concentração eram o “lugar de anomalia no qual a pessoa era totalmente despida dos seus direitos”. Em corroboração, Aguiar (2012, p.150) elucida que, no primeiro passo, os direitos são retirados das pessoas através do processo de desnacionalização, matando assim toda capacidade de o homem agir politicamente. Seguindo da morte moral, as pessoas não podem mais se apegar a nenhum tipo de valor. Por último, ocorre a morte da singularidade individual na qual nem mesmo as lembranças e as dores são possíveis. Ninguém chora a morte, pois todos são anônimos. Essa adequação dos homens ao regime é a maneira comportamental do totalitarismo, a qual não se baseia nas trocas de experiências imprevisíveis, mas sim na adequação do caráter do homem para impedir qualquer oportunidade de reação. Esse processo tornava os homens seres supérfluos. Nesse cenário, o medo assolava os indivíduos e que eles eram mantidos sob forte vigilância de forma a garantir o distanciamento. De acordo com Arendt

O verdadeiro horror dos campos de concentração e de extermínio reside no fato de que os internos, mesmo que consigam manter-se vivos, estão mais isolados do mundo dos vivos do que se tivessem morrido, porque o horror compele ao esquecimento. (ARENDR, 1998, p.493).

Arendt (1998, p.496) compara os campos de concentração com três tipos: o “limbo, o purgatório e o inferno” por constituírem uma experiência que extrapola qualquer compreensão humana. A finalidade dos campos era matar, espancar e levar o extremo de sofrimento ao corpo humano. Eram laboratórios usados para testar as mudanças da “natureza humana”. Assim, o terror revela a face monstruosa do homem. Arendt afirma:

Tentamos compreender certos elementos da experiência atual ou passada que simplesmente ultrapassam os nossos poderes de compreensão. Tentamos

classificar de criminoso um ato que esta categoria jamais poderia incluir. Porque, no fundo, qual significado do conceito de homicídio quando nos defrontamos com a produção de cadáveres em massa? Tentamos compreender psicologicamente a conduta dos presos dos campos de concentração e dos homens da SS², quando o que é preciso compreender é que a psique humana pode ser destruída mesmo sem a destruição física do homem; na verdade a psique, o caráter e a individualidade parecem, em certas circunstâncias manifestar-se apenas pela rapidez ou lentidão com que se desintegram. (ARENDRT, 1998, p. 491).

Nos campos de concentração, a vida já não possui o sentido de ser. São retiradas do sujeito todas as capacidades de ação, tais como a capacidade de pensar e expressar. Perdem o contato com os seres humanos e todos os laços afetivos são perdidos. Nesse contexto, o fato da pessoa já ter nascido não faz diferença. De acordo com Correia (2006, p. 1) Arendt define o nascimento como uma nova promessa de instauração de um novo mundo e a esperança que a política poderá se livrar daqueles que ameaçam a liberdade e estão prontos para pôr um fim na história. Mesmo com todas as pretensas tentativas totalitárias de aniquilamento e terror, a capacidade do homem de lutar por um mundo melhor não pode ser destruída, já que o homem é a potência de transformação. Hannah Arendt compreende que a política é a maneira do homem projetar-se na sociedade. De acordo com Correia (2006, p.1):

Hannah Arendt compreendia o político antes de tudo como resultado do amor ao mundo. E estava certa de que os males humanos não deixarão de nos fazer companhia e, ao mesmo tempo, de que a única maneira de fazer com que a corrupção não seja amplamente danosa e uma ferida sempre aberta é o fortalecimento das instituições públicas, o envolvimento dos cidadãos na vida política e o desenvolvimento de virtudes associadas à cidadania, como a probidade e a participação. (CORREIA, 2006, p.1).

Desse modo, podemos compreender que quando os sujeitos assumem seus lugares na sociedade com ações participativas, é possível refrear os avanços de ideologias ditatoriais e totalitárias. Para Correia (2006), Arendt defende que os sujeitos são seres de ação e essas ações acontecem somente quando os sujeitos estão presentes na vida pública e ocupam o seu lugar no mundo de forma a defender-se de qualquer tipo de abuso por parte dos governantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que embora Arendt (1998) pontue as consequências de uma sociedade de massas, a filósofa não acredita que existam motivos suficientes para se instalar um governo totalitário de forma que não haja uma relação de causa e consequência em relação ao comportamento e composição da sociedade. O advento da sociedade de massas ocorre a partir do movimento histórico e social no qual os indivíduos voltam-se mais para si mesmo

² Corpo militarizado que era a guarda de elite do partido nazista alemão. (ARENDRT, 1998, p.418-419).

buscando apenas os próprios interesses.

Assim como os sujeitos que de algum modo sentem-se rejeitados pelos sistemas políticos e esquecidos pelo poder público anseiam por um governo justo, os líderes do movimento totalitário aproveitam-se da vulnerabilidade e da falta de consciência política dos sujeitos para implantar suas ideologias fictícias. O fascínio popular pelos líderes garante sua permanência no poder que de modo sutil colocam seus planos maléficos em prática com o apoio das grandes massas.

Portanto, o fenômeno do totalitarismo e das ditaduras podem surgir em qualquer período da história da humanidade. Arendt (1998, p.512), afirma que os governos totalitários não “desapareceram com a morte de Stálin e Hitler, mas que com os tranSES do nosso tempo esses tipos de governos podem assumir sua forma mais autêntica”.

A vida contemporânea que está cada vez mais imersa no silogismo onde o outro é apenas um meio para a realização dos desejos egológico, nos leva a refletir, pois a falta de pertencimento à vida pública e à comunidade, no pensamento de Passos (2017), levam o aniquilamento de si mesmo. O sujeito deve reconhecer-se como ser de ação e que as ações devem favorecer a comunidade.

No pensamento de Arendt, é justamente na capacidade de agir que os homens se revelam. Essa capacidade foi totalmente excluída no sistema totalitário, o qual anula todos os direitos dos indivíduos e captura de forma total a vida humana. É nesse processo de captura e anulação onde resta somente a dor e o terror que predominava nos campos de concentração. Neles, os indivíduos eram submetidos às experiências terríveis que fogem a qualquer compreensão humana. Os campos de concentração eram verdadeiros laboratórios usados na tentativa de transformar a natureza humana em uma única identidade.

O terror é algo injustificável e que ultrapassa a capacidade de compreensão humana. Para Arendt foi o totalitarismo que revelou a face mais tenebrosa e cruel do homem.

Apesar do sofrimento acometido pelo totalitarismo, Correia (2006, p.1) afirma que Arendt ainda acredita que “a política é o resultado de amor ao mundo” e que embora os males continuem nos assolando, a política ainda é a única maneira na qual os sujeitos podem se posicionar na esfera pública e lutarem pelos seus direitos para conter o avanço das ideias ditatoriais. A política é comparada ao nascimento que traz a esperança do novo, o homem que ocupa os espaços públicos nasce para a sociedade.

Portanto, observa-se que apesar da experiência trágica vivenciada por Arendt, ela deposita esperança na humanidade e que, para ela, somente os seres humanos possuem a capacidade de transformação para reverter as situações imorais da sociedade.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Origem do Totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo-São Paulo: Companhia das letras,1989.

_____, Hannah (1906-1975). **Revista Ética e Filosofia Política**, v. 1, n. 9, 2006.

AGUIAR, Odílio Alves. Violência e banalidade do mal. Cult: **Revista Brasileira de**, 2010.

_____, Odílio Alves. A recepção biopolítica da obra de Hannah Arendt-The biopolitical recepti of Hannah Arendt'works. **CONJECTURA: filosofia e educação**, v. 17, n. 1, 2012.

CORREIA, Adriano. Vícios Privados, Prejuízos Públicos. **Philosophos-Revista de Filosofia**, v. 11, n. 1, p. 15-29, 2006.

Curso de Extensão: Nas fronteiras do pensamento de Hannah Arendt e Judith Butler. Universidade de SP (USP).[https://www.youtube.com/watch? V=fzb954f6OYU&t=937s](https://www.youtube.com/watch?V=fzb954f6OYU&t=937s). Acessado às 18hs do dia 03 de julho de 2020.

OLIVEIRA, Renata Quintella. O afastamento do humano: isolamento, imobilidade e a relação homem-máquina. Uma leitura de A Máquina de Joseph Walser. **Soletras**, n. 31, p. 136-150, 2016.

PASSOS, Fábio Abreu. Uma análise da sociedade de massa a partir da perspectiva de Hannah Arendt. **Saberes Interdisciplinares**, v. 3, n. 5, p. 61-77, 2017.